



# Testemunhos da Primeira Guerra

Na Europa durante a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Oswaldo Cruz e a família relataram em cartas o clima de tensão no Velho Mundo



Passagens compradas com antecedência, hotéis reservados e malas feitas. Planejar uma viagem internacional com toda a antecedência que a prudência recomenda não garante imunidade a imprevistos. Ver-se de alguma forma sem dinheiro em um país estrangeiro não é um contratempo difícil de se imaginar. Prever deparar-se com a eclosão do maior conflito bélico já visto até então no mundo, no entanto, requer uma capacidade de imaginação bem mais aguçada. Quando cruzou o Atlântico rumo a Paris em junho de 1914, Oswaldo Cruz dificilmente imaginava que estaria prestes a viver esses dois episódios.

Acompanhado por dez familiares e parentes – incluindo a mulher, Emília, a filha mais velha, Lizeta, com o marido, a sogra e os filhos Oswaldo Cruz Filho e Walter Oswaldo Cruz –, o cientista deixou o Rio de Janeiro com a missão de conduzir pesquisas em instituições europeias e ampliar o leque de cooperações estrangeiras do Instituto Oswaldo Cruz. “Ele chega a Paris, depara-se com um clima de pré-guerra e não consegue trocar dinheiro nos bancos. Ele já não tinha dinheiro para mais nada, o que o deixou preocupado”, afirma a pesquisadora Ana Luce Girão, da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz).

As impressões de Oswaldo Cruz e sua família sobre os conflitos que mais tarde redundariam na Primeira Guerra Mundial estão registradas em 13

cartas sob a guarda da COC e na correspondência trocada com o médico Egídio Sales Guerra, reproduzida parcialmente por ele em um livro sobre o cientista. Ao amigo, Oswaldo Cruz relatou: “O governo e os particulares tiveram todo o ouro e prata, de maneira que não há meios de se conseguir troco para os bilhetes de banco, que ninguém recebe. Na última hora o governo decidiu emitir notas de 20 e de 5 francos, mas até agora não foram postas em circulação. Enquanto durar esse estado de coisas a vida se torna impossível”.

Com a entrada da França na guerra em agosto de 1914, Oswaldo Cruz viu-se obrigado a trocar o calor do verão parisiense pela capital inglesa, temendo pela sua segurança e da família. O prestígio internacional de que des-



## Um rei na linha de fogo

*Carta de Oswaldo Cruz a sua esposa Miloca, quando estava a bordo do S. S. Frisia, voltando de Londres para o Brasil.*

**LISBOA, 15 de janeiro de 1915**

“Entre os passageiros tem um engenheiro belga que vai tratar de negócios na Bolívia e Argentina. Veio da Bélgica, onde esteve na linha de fogo até a tomada de Antuérpia. Tem um filho único de 22 anos que está na linha de fogo desde o ataque a Liège. (...) Referiu-me à prisão do maire de Bruxelas e uma coisa até agora desconhecida. O fato foi o seguinte: ao chegar a Bruxelas os alemães começaram a fazer requisição de víveres, etc. e pagaram com vales assinados por “von Goltz”. O maire objetou que preferia pagamento em ouro, ao que retorquiu o general alemão que “a firma de von Goltz valia mais do que ouro”. Não houve remédio, aceitou os tais papéis. Eis

porém que os alemães impuseram a Bruxelas uma contribuição de guerra. O maire reuniu então todos os vales do general e foi com eles pagar a taxa imposta. O general protestou dizendo que queria ouro e naturalmente respondeu o maire com as mesmas palavras do general. Bastou isso para ser preso. Outra interessante é um feito do Rei Alberto até a pouco desconhecido. Estava ele na linha de fogo (os generais nunca vão em pessoa aos lugares expostos) quando caiu ferido um soldado numa trincheira. Ele se acercou do ferido, indicou-lhe o lugar da ambulância e mandou que se fosse tratar. Depois entrou na trincheira, tomou do fuzil do ferido e ele – o rei – entre os soldados continuou a atirar até que novos soldados viessem substituir os feridos”.

## O 'blefe' do bloqueio alemão

Carta de Lizeta a seu pai, Oswaldo Cruz, dando notícia sobre a estadia de todos em Londres e sobre a guerra que se desenrolava na Europa.

### LONDRES, 1915

"Achei muita graça ficares com medo de não receberes carta nossa por causa do bloqueio alemão. Não soubeste então que foi uma terrível rata? Imaginas tu que a Inglaterra está bloqueada por vinte e oito submarinos alemães, dos quais sete já foram a pique. Sabes qual foi o movimento dos portos durante três dias deste mês, estando a Inglaterra bloqueada? Entraram e saíram 1.825 navios, e oito

foram a pique, o maior tinha 4 mil toneladas. Não te assustes com as ameaças alemãs, porque não passam de blefe. Que lindas vitórias têm tido os aliados ultimamente, não achas? Os russos têm feito bravuras na Hungria e os franceses têm sempre sucessos diários na Alsácia. Os ingleses, pessimistas como são, já falam com naturalidade na vitória e na probabilidade de uma paz bem próxima. Conquanto que quando aqui chegares esta guerra já se tenha acabado".



frutava o cientista lhe foi útil para sair de Paris rumo a Londres. Graças à sua condecoração de Oficial da Légion d'honneur, conseguiu um salvo conduto para levar a família para a Inglaterra. "Londres, apesar da segurança que oferece, é uma cidade triste. As folhas começam a cair", observou Oswaldo Cruz em uma das cartas. A mudança de planos fez com que ele deixasse de lado outro objetivo traçado para a viagem: levar uma parente – não identificada nas cartas – para tratamento de saúde na Suíça.

Da capital inglesa, relatou o clima de guerra vivido no país. "Londres continua a precaver-se contra os Zeppelins. À noite apagam-se todos os principais combustores e ilumina-se fartamente o Hyde Park por meio de lanternas, de maneira que da altura se tenha a ilusão de ser ele o centro da cidade", diz em carta ao filho Bento, que estava em Liverpool. Em meio à tensão, atividades rotineiras foram mantidas, como uma visita com Miloca, como chamava a mulher, à Aba-

dia de Westminster. O cientista menciona ainda um passeio por um dos principais museus de arte britânicos, a National Gallery, na companhia de Graça Aranha, que Oswaldo Cruz provavelmente conhecia da Academia Brasileira de Letras, da qual ambos faziam parte.

O prolongamento dos confrontos começou a preocupar Oswaldo Cruz. "Ele tinha viajado com uma missão, que era estabelecer relações com institutos de pesquisa e promover intercâmbios científicos, mas já estava na Europa havia seis meses, sem conseguir fazer o que queria, pois havia ficado retido em Londres", diz Ana Luce. A insegurança no Atlântico, por conta da presença de submarinos alemães, o fez se questionar se deveria voltar com toda a família para o Brasil naquele momento. Em janeiro de 1915, decide retornar ao Brasil só e deixa o filho Bento na Inglaterra tomando conta da família.

Do Rio de Janeiro, continua enviando e recebendo notícias da Europa

por cartas. De Londres, a filha Lizeta lhe escreve: "Achei muita graça ficares com medo de não receberes carta nossa por causa do bloqueio alemão. Não soubeste então que foi uma terrível rata? [...] Não te assustes com as ameaças alemãs, porque não passam de blefe [...] Os ingleses, pessimistas como são, já falam com naturalidade na vitória e na probabilidade de uma paz bem próxima. Conquanto que quando aqui chegares esta guerra já se tenha acabado".

De acordo com Ana Luce, os relatos são ilustrativos das narrativas que se construíam na época sobre a guerra. "Circulavam, na época, notícias que colocavam os alemães como um povo horroroso. Havia um certo otimismo. No início, as pessoas achavam que a guerra não ia durar muito. Nesse momento a guerra ainda era europeia, e não mundial", diz. Oswaldo Cruz não pôde retornar à Europa para ver o desenrolar do conflito. Já de volta ao Brasil, sua saúde se deteriorou e ele faleceu em 11 de fevereiro de 1917.